

História de práticas de leitura: o caso de três agricultores

Lisiane Sias Manke*

Resumo

Neste trabalho abordou-se de forma investigativa a história de três agricultores. Histórias caracterizadas pelo hábito da leitura. Na comunidade rural, onde esses leitores residem, a prática da leitura os faz diferentes. A preferência por leituras históricas, associadas aos acontecimentos relacionados às suas trajetórias de vida, faz com que a leitura e a vida se entrecruzem, significando-as mutuamente. A história oral apresenta-se como principal aporte metodológico, a fim de, “captar a experiência efetiva dos narradores” (QUEIROZ, 1988) como forma de aprofundar a análise sobre as práticas da leitura no contexto rural. Teóricos como Chartier e Darnton apresentam-se como os principais interlocutores da investigação. Ao analisar a apropriação da leitura por estes leitores percebe-se que as leituras que realizam estão relacionadas à subjetividade inerente a cada história de vida.

Palavras-chave: História da educação. História da leitura. Leitores rurais.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de um estudo mais amplo, que visa analisar práticas de leitura, bem como a apropriação das leituras realizadas por agricultores. Nesse texto serão abordados alguns aspectos da trajetória escolar de três leitores como, também, a relação que estabelecem com a leitura. Trata-se de três homens de terceira idade, que lêem por prazer/lazer. Os temas preferidos de suas leituras são fatos e acontecimentos históricos. Os três senhores são moradores da zona rural dos municípios de Pelotas, Canguçu e Morro Redondo – Rio Grande do Sul, e desempenham

* Doutoranda em Educação no PPGE/FAE/UFPEL; professora da UFPEL/CAVG; pesquisadora do grupo Hisales da FAE/UFPEL; Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça, CAVG/UFPEL; Av. Idelfonso Simões Lopes n. 2791, Pelotas, RS; lisianemanke@yahoo.com.br

durante grande parte da vida a agricultura familiar. A escolaridade correspondente à 3ª, 5ª série e curso científico, respectivamente.

Nesse sentido, compreende-se que os leitores têm sido objeto de investigação, da mesma forma que os modos de ler e a apropriação que as diferentes sociedades fazem das leituras que realizam. Uma vez que a pesquisa em História da educação, nas últimas décadas, reformulou-se e renovou-se, especialmente, em virtude da influência e contribuição da Nova História Cultural, que ofereceu aporte para investigações de temas, até então, pouco considerados nas pesquisas históricas. Com esta tendência historiográfica influenciando o campo de pesquisa em História da Educação, os objetos e fontes de investigação foram alargados e diversificados, as pesquisas passam a incluir e valorizar sujeitos “esquecidos”, como também voltam o olhar às práticas, usos e costumes dos diferentes grupos sociais. Nesse contexto ganha espaço, por exemplo, estudos vinculados à história do livro e da leitura.

2 O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO

Os estudos relacionados à história do livro e às práticas de leitura, de forma geral, foram desenvolvidos inicialmente no contexto europeu, especificamente na França, local tradicionalmente vinculado à Nova História Cultural. Darnton (1995, p. 110) esclarece:

Os novos historiadores do livro inseriram o tema dentro do leque de assuntos estudados pela escola dos *Annales* de história socioeconômica. Ao invés de se deterem em detalhes da bibliografia, tentaram descobrir o modelo geral da produção e consumo do livro ao longo de grandes períodos de tempo. Compilaram estatísticas a partir de solicitações de *privilèges* (uma espécie de direito de publicação), analisaram o conteúdo de bibliotecas particulares e mapearam correntes ideológicas através de gêneros pouco lembrados [...] Não se interessavam por livros raros e edições de luxo; pelo contrário, concentraram-se no tipo mais comum de livros, porque queriam descobrir a experiência literária dos leitores comuns.

Autores como Darnton, Roche e Chartier, entre outros, destacam-se por investigações relacionadas à essa temática; como, também, conforme Lopes e

Galvão (2001), há no Brasil um efervescente campo de pesquisa centrado em temáticas relacionadas à produção, circulação e usos dos materiais impressos. Os historiadores investigam de maneira geral o ciclo que compreende a história do livro, ocupando-se do autor, do impressor, do distribuidor, do vendedor e, por fim, do leitor. Para Darnton (1995), a história do livro compreende cada fase desse processo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as suas relações com outros sistemas, econômico, social, político e cultural, no meio circundante. No entanto, definir como os leitores assimilavam seus livros é o estágio do circuito do livro que oferece maiores dificuldades de estudo. As maneiras como se lia/lê e como eram/são os processos de apropriação da leitura continuam a ser questionados, pouco se sabe sobre o significado da leitura na vida humana. Darnton (1995), ainda observa que os estudos realizados acerca da história do livro e da leitura, puderam responder, em grande medida, perguntas como, “quem”, “o quê”, “onde” e “quando”, o que auxilia a responder a perguntas mais difíceis sobre os “comos” e os “porquês” que envolvem as práticas de leitura. Como bem expressa Chartier (2001, p. 20), o leitor ao apropriar-se do texto lhe atribui sentido próprio:

Cada leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria. Reencontrar esse fora-do-texto não é tarefa fácil, pois são raras as confidências dos leitores comuns sobre suas leituras.

Analisar o sentido atribuído à leitura na vida de leitores comuns, especialmente quando esses leitores estão imersos em práticas socioculturais extremamente vinculadas à oralidade, não é tarefa fácil, segundo os autores citados. Buscar os “comos” e os “porquês” ligados à prática da leitura, como meio de apropriar-se do “fora-do-texto”, é sem dúvida tarefa desafiadora. No entanto, quando se pode contar com “as confidências dos leitores comuns sobre suas leituras”, a investigação torna-se mais palpável. Assim, a partir “das confidências” de três leitores de textos históricos, será possível aprofundar a análise referente à prática da leitura que envolve período significativo da vida destes.

Nesse sentido, esta investigação apropria-se da metodologia apresentada pela história oral, de maneira que os depoimentos orais tragam a possibilidade de análi-

se, com o intuito de compreender a prática e a apropriação da leitura por três agricultores. Von Simson (1988, p. 19) conceitua este método de pesquisa da seguinte forma:

História oral é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documento, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade.

Dessa forma, os relatos desses senhores a respeito de seus hábitos, de suas práticas sociais, e do conhecimento adquirido por intermédio da leitura, estão sendo coletados mediante entrevistas livres, que possibilitam ao sujeito investigado falar espontaneamente sobre sua vida, e assim, sobre sua relação com a prática da leitura.

Para Darnton (1995), apesar de uma volumosa literatura sobre a psicologia, fenomenologia, textologia e sociologia da leitura, esta continua a ser misteriosa. Os processos que envolvem essa prática, ainda, são questionados sobre diversos aspectos. No entanto, os estudos já realizados trouxeram grande quantidade de informações sobre a história da leitura. Ginzburg (1987) encontrou um leitor entre os documentos da Inquisição; Darnton (2001) investigou por meio de cartas escritas por Ranson, um leitor rousseauista do século XVI, quando a leitura e a vida cotidiana se entrecruzavam; Hébrard (2001) analisou um documento com as memórias de Valentin Jamery-Duval, um camponês autodidata, do século XVIII. Ainda, diversas informações quantitativas foram exploradas mediante catálogos de títulos publicados e de acervos bibliotecários. No entanto, Darnton (1995, p. 148) ainda clama por uma história da leitura mais ampla, que atinja os “comos” e os “porquês” que envolvem as práticas de leitura, ao afirmar: “há de ser possível desenvolver uma história, bem como uma teoria da reação do leitor. Possível, mas não fácil, pois os documentos raramente mostram os leitores em atividade, modelando o sentido a partir dos textos.” Sendo assim, a história oral traz real valor à investigação, uma vez que a história da leitura é investigada a partir dos “leitores em atividade”, as questões são direcionadas aos próprios sujeitos da investigação.

Contudo, deve-se levar em consideração no momento da análise dos dados, a subjetividade própria do depoimento oral. O indivíduo que narra

a sua vida ou fala sobre alguns aspectos desta, apresentará a sua versão sobre os acontecimentos que vivenciou, ou sobre as práticas que fazem parte de sua vida, aspectos que devem ser considerados e incorporados à investigação. Para Montenegro (1993) uma perspectiva que tem causado muitos equívocos metodologicamente, é o uso de depoimentos como se fossem da mesma natureza das fontes escritas, sendo necessário, portanto, avaliar as especificidades da prática metodológica da história oral. Paralelamente ao uso das fontes orais, são analisados todos os materiais, documentos e livros que fazem parte da biblioteca particular dos três leitores, de forma a tornar a pesquisa mais rica e com maior possibilidade de problematizações.

Nesse processo de investigação alguns caminhos já foram percorridos; o primeiro passo foi o de localizar os sujeitos de pesquisa, que foram definidos por características comuns, como o hábito da leitura e a vida rural. O período da busca por esses sujeitos pode ser caracterizado como um momento de importância fundamental à investigação. A localização, o primeiro contato e a aceitação do sujeito em ser interlocutor no processo de pesquisa requerem técnica e muita perseverança do pesquisador. Entre outros contatos realizados, foi o “encontro” com esses três leitores, inicialmente, que possibilitou o início da investigação.

O senhor Antonio residiu por muito tempo na zona rural, dedicando-se à produção de pêssegos, chegou a ser chamado de “rei do pêssego”, segundo conta. Depois da aposentadoria, passou a residir na zona urbana do município de Morro Redondo, fato que facilitou consideravelmente a localização e o contato para a realização das entrevistas. O senhor Henrique reside na zona rural de Pelotas, a sua localização só se tornou possível em virtude da cumplicidade de uma colega de pesquisa, que também vem investigando a prática de leitura e escrita dessa família. O senhor Nei mora na zona rural do município de Canguçu, tendo sido localizado por uma amiga que se envolveu na busca por sujeitos que pudessem contribuir com a investigação. O primeiro contato foi realizado por ela, uma vez que conhece a família há algum tempo e, assim, possíveis desconfianças quando ao caráter da pesquisa foram anuladas. Todas as três entrevistas ocorreram de forma livre, caracterizando-se por uma conversa informal, e foram gravadas com a autorização dos entrevistados. Por meio desse contato inicial, tornou-se possível traçar um perfil dos leitores em evidência, conhecendo, mesmo que parcialmente, suas histórias e a relação que estabelecem com a leitura.

3 A ESCOLARIZAÇÃO E A LEITURA

Tendo vivido a infância na zona rural, entre as décadas de 1920 e 1930, período em que o acesso à escola era bastante limitado, especialmente, nas zonas rurais, os três senhores em evidência ingressaram na escola e foram alfabetizados. O encantamento pelas letras ocorreu desde muito cedo, como se pode perceber no depoimento de seu Henrique:

Eu comecei a observar as letras nos papéis das folhas de cigarro, chamava-se leão as folhinhas de fazer cigarro enrolado, então tinha o leão ali no lado, e ela [avó] então começava apontando pra mim, ela lia pouco e velhinha já, e falava nas letras, até que eu vi como era que escrevia leão, e por ali eu comecei. Antes da escola, muito antes. Eu sempre me dediquei a observar a letra. Eu gostava da letra, eu não conhecia o que era letra naquela época, mas eu gostava do florão da letra, que a letra era grande, encarnada contra um papel amarelo, e eu achava bonito, chamava a atenção, e por ali eu comecei a me incluir dentro da letra e apreciar a leitura, e depois eu fui pro colégio o que eu apreciava era leitura. (Henrique, 2007).

Na memória do senhor Henrique o primeiro contato com as letras ainda é bastante claro, a alfabetização possibilitou-lhe a inclusão no mundo das letras e ofereceu-lhe a condição de leitor. Seu Henrique concluiu apenas o terceiro ano do ensino primário, período suficiente, segundo ele, para conhecer as letras e não se desligar mais da leitura.

O senhor Antonio também frequentou poucos anos a escola, e lamenta ter sido afastado dela por questões étnicas, como explica:

Eu não completei, naquela época era até quinta série, só que eu não completei a última série. Porque foi no tempo da Segunda Guerra Mundial. Aí, eu vinha aqui, escondido a cavalo aqui por dentro, por que era lá na escola Bomfim, no Passo do Valdez. Aí descobriram, meus colegas lá descobriram e começaram a me chamar de “Quinta Coluna¹”, eu me queixei para a minha mãe, ai a minha mãe disse não, então não vai mais. Eu ia me formar naquele ano, eram três alunos, os primeiros que iam se formar na escola Bomfim. Eu ia me formar no ensino primário, já estava com 13 anos! (Antonio, 2007).

Por ser de origem alemã seu Antonio “sentiu na pele” a discriminação e perseguição sofrida por imigrantes e descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, período em que o governo de Getúlio Vargas promoveu a Campanha de Nacionalização. Seu Antonio com muito pesar relata seu afastamento da escola no último ano do primário. Por ser órfão de pai, a preocupação da mãe para com os filhos era redobrada, o que influenciou, segundo ele, a decisão por afastá-lo da escola. Nos três primeiros anos de escolarização seu Antonio cursou uma escola mantida por uma Comunidade Evangélica Luterana, onde aprendeu a ler em alemão: “Aprendi [alemão] aqui na escola São Domingos, estudei até o terceiro livro, com letra gótica eu sei ler ainda, quando se soletrava letra por letra.” (Antonio, 2007). De forma que, entre as leituras realizadas por seu Antonio, os livros em alemão também estão incluídos.

Seu Nei teve a possibilidade de permanecer na escola por um período maior, mas também não conseguiu concluir os estudos, como relata:

Eu estudei bastante, quando eu ia ingressar na faculdade fui acometido de pneumonia, eu tinha 17 anos, eu tive 27 dias de cama, os remédios eram a forma mais empírica possível, é tanto que os farmacêuticos levavam um dia inteiro para elaborar uma receita que o médico passava, agora não [...] Então por isso eu não segui. Eu fiz primário, fiz ginásial, e o científico, que hoje com o científico já se entrava no segundo ano de faculdade [...] Eu pensava em história [como curso superior], eu gostava de engenharia também, mas o meu forte era história e geografia. (Nei, 2007).

O senhor Nei “arquiva na memória” as lembranças da época escolar, e o prazer em estudar conteúdos relacionados a acontecimentos históricos.

A gente quando gosta de uma coisa aquilo fica tão ligado que, eu já estou com 90 anos, e me lembro, nesta parte de história, eu me lembro das primeiras lições que eu aprendi de história com um professor municipal, aqui do interior e nunca mais esqueci. A gente vai arquivando, né? Felizmente tenho muita boa memória. Bom, agora memória se conserva é justamente se exercitando através da leitura. (Nei, 2007).

Textos históricos fazem parte da preferência literária dos três leitores, que afirmam claramente que o incentivo pela leitura está relacionado ao interesse por

conhecer a história. Seu Antonio ao ser questionado sobre o gosto que cultivava pela leitura, logo afirma: “Ora, eu não sei quando iniciou [gosto pela leitura], eu sei que eu me interessei muito sempre por história, os livros que eu tenho são tudo sobre história”; sugerindo que a prática da leitura acontece, fundamentalmente, em razão do gosto por questões históricas. Dessa forma, pode-se compreender que a leitura se apresenta como um meio pelo qual saciam o desejo pelo conhecimento histórico. Conhecer o passado contribui para entender melhor o presente, explica seu Henrique:

Sempre adotei o passado, eu gosto de saber o que começou antes do que eu, como é que era aquilo lá, pra entender melhor e pode dali fazer uma conclusão de como a vida futura pode seguir, baseado nos troncos, é ali que eu me preocupava. Eu já li uma série de livros, que nem sei mais quantos são, de tudo quanto é assunto, do tempo da Segunda Guerra e antes da guerra, lá em datas muito anteriores, há quinhentos anos atrás, eu tenho livros aí que explicavam o que era o tempo naquela época. (Henrique, 2007).

Adquirir livros faz parte do hábito dos três leitores. Mesmo residindo na zona rural, sempre que possível compram livros: “eu ia seguido pra Pelotas e chegava na livraria ali na quinze” (Antonio, 2007). A biblioteca particular desses leitores foi sendo montada com livros presenteados e comprados, mas, também, muitas leituras foram realizadas por intermédio de livros emprestados. Seu Antonio fala sobre os livros que adquiriu:

Eu tenho esses livros que tem a origem dos sobrenomes, isso foi o velho “Iequel” que foi pra Alemanha e compro esses livros e foi ficando pros descendentes e sabendo que eu gosto disso, uso e já passei muita coisa adiante, nomes e coisas, deram pra mim. Só que eu não gostei do meu nome, [pronúncia em alemão] significa “o bárbaro” e Martem significa “favo de abelha”. Se um dia alguém se interessar vou botar lá no museu, pra fazer uma pesquisa. Mas a maior parte [dos livros] foi comprado [...] e os filhos compram pra mim. (Antonio, 2007).

O acervo de livros do senhor Antonio é numeroso, títulos variados compõem sua biblioteca; obras relacionadas à história do Brasil e, especificamente, à história

regional, outras vinculadas à história da Alemanha e da colonização alemã no Brasil. Para Darnton (1995, p. 152) a análise do catálogo de uma biblioteca particular pode ser significativa para traçar um perfil do leitor, “[...] mesmo que não leiamos muitos livros que possuímos e leiamos muitos livros que nunca compraremos [...] o estudo das bibliotecas particulares tem a vantagem de ligar o ‘que’ com o ‘quem’ da leitura.”

Os motivos que caracterizam a relação desses agricultores com a leitura podem ser interpretados como uma prática de entretenimento, uma busca pelo conhecimento dos fatos históricos que vivenciaram ou foram vivenciados por seus antepassados. Ao que parece, não há uma única resposta para essa questão, talvez todos esses indicativos, entre outros, correspondam a essa relação entre o leitor e a leitura. Mas quais sentidos são atribuídos a essas leituras, qual a apropriação dos textos lidos?

Na primeira entrevista realizada, foi possível perceber o profundo conhecimento que estes leitores têm sobre história, desde a história da localidade onde vivem até a história geral do Brasil e do mundo. No entanto, as temáticas preferidas são aquelas relacionadas direta ou indiretamente com suas histórias de vida.

A trajetória de vida de seu Antonio contempla acontecimentos relacionados à história da etnia alemã, por ser descendente de colonizadores alemães. Desse modo, as leituras que realiza estão vinculadas a sua história de vida. No depoimento que segue, observa-se o conhecimento histórico de seu Antonio em relação à origem da localidade onde mora:

Esse é o Barão de Três Serros [mostra a foto em um livro], os três serros se avistam aqui de Morro Redondo, a Baronesa era uma alemã, Amélia Hartwig de Brito Antunes Maciel, Baronesa de Três Serros. Visconde da Graça e João Simões Lopes também eram proprietários de terra aqui [Morro Redondo], e tinham charqueadas aqui no Colorado e na Palha Branca [localidades rurais]. E o Domingos de Almeida [...] a Bernadina era esposa do Domingos de Almeida, por isso Santa Bernadina [nome de uma localidade rural de Morro Redondo], porque aqui no Brasil se santificava tudo, Santa Bernadina, Santa Eulália.

Na Santa Bernadina, tem escola Padre Burker, não é? Esse padre era o primeiro diretor do colégio Gonzaga de Pelotas, acho que era o mesmo. Eu conheci a história dos primeiros imigrantes alemães de Santa Catarina, era na altura de Florianópolis, naquela época chamava-se

Desterro, e ali aquela colônia não funcionou, não sei como se chamava aquela colônia, eu tinha um livro [...] [pensa] ah! era emprestado o livro, e aonde tinha um padre Pedro Burkner, e ninguém sabe o fim dele lá, provavelmente veio pra cá. (Antonio, 2007).

É possível observar outros tantos exemplos do conhecimento histórico do senhor Antonio, porém pelo depoimento têm-se condições de realizar algumas inferências. Percebe-se que as “grandes personalidades históricas” são bastante valorizadas em suas leituras, a referência a esses personagens é constante em seu depoimento, o que aponta para uma aproximação com a história tradicional, na qual os acontecimentos históricos são abordados a partir de grandes nomes, que se apresentam como os únicos responsáveis pela construção da história de uma sociedade. Outra questão observada é o fato de estabelecer constante relação entre as leituras que realiza. Em outro momento da entrevista, seu Antonio afirmou que os livros servem para fazer pesquisas, “[...] às vezes, eu me lembro de alguma coisa, aí eu faço uma pesquisa nos meus livros, mas eu acho que quando a gente já leu sobre tudo vai gravando, a origem disso, daquilo.” Seu Antonio realiza, desse modo, uma leitura investigativa, que visa relacionar e entrecruzar fatos, valorizando os grandes nomes da história na busca por conhecer sua própria história.

Para seu Henrique o gosto pela política partidária lhe motiva a conhecer a história política do Brasil; segundo ele não é qualquer político que consegue convencê-lo em mudar suas concepções políticas, uma vez que se considera bem informado. Partidário de Getúlio Vargas está fortemente convicto de que este foi o melhor presidente que o Brasil já teve, conforme relata:

Em 1930 começou a forma do regime brasileiro, um regime diferente, porque de primeiro era um sistema e depois mudou, e aquele sistema antes de 30 eu conheci várias vezes nos livros, de 30 pra diante tem uma diferença enorme. Antes o Brasil era uma revolta de briga, tudo se matando assististas e borgistas eram os dois partidos que existiam naquela época; Assis encarnado, Borges verde, dois distintivos, se conhecia longe, os assististas por causa do lenço encarnado e o borgista verde, e se atacavam, dava revolta todos os anos, foi muita revolta, e eu vi, ajudei, guri pequeno ainda, o meu pai levar os cavalos pro mato, pra esconder dos revolucionários, que vinham e levavam os cavalos embora, quando não levavam o rapaz que tava junto. E isso continuou

muitos anos, assim nesta república esfarrapada de revoltas e revoltas e no final houve esta revolução de 30 que foi formada por Getúlio Vargas, que foi o líder maior do Brasil foi Getúlio. Ele tampou a revolução, acabou com tudo, terminou com os partidos tudo. Entrou lá com o governo provisório com o lenço branco, era o distintivo dele, dali ficou Getúlio e os generais de Pedro Góis Monteiro e o Eurico Dutra, eram generais lá do Rio, se reuniram os dois e colocaram Getúlio como ditador, e ficou Getúlio como ditador 15 anos, foi o que endireitou o Brasil, acabou com as revoltas, ninguém mais brigou, ele acabou a história da revolta, com a ditadura era ele que mandava.

O maior governante foi Getúlio Vargas, não teve outro, foi o maior e o primeiro. Foi o homem que puxou pela moralidade não pela guerra, ele tomou conta pela paz, a espada dele era a paz, a bandeira branca, um inimigo vinha ali e ele chamava ele de amigo, e ele saía amigo dele. O Getúlio foi o maior brasileiro que o Brasil teve até hoje, esse Getúlio aqui [aponta para a foto na parede da sala]. (Henrique, 2007).

Seu Henrique mostra-se convencido do êxito do governo de Getúlio Vargas, e justifica seu posicionamento citando as revoltas existentes no Brasil antes de 1930, comparando-as a paz que se instala no país após esse período. Refere-se à ditadura de Vargas como algo necessário e positivo para o Brasil, nenhum aspecto é mencionado contra esse governo. Afirma que já realizou diversas leituras sobre o assunto, apresentando alguns de seus livros: *Pensamento Vivo de Getúlio Vargas*, de José Domingos de Brito (Org.); *Getúlio Vargas*, de Ivan Atila; *A vida e tragédia do Presidente Getúlio Vargas* e *O Segredo dos Presidentes*, de Genilson Moraes Neto; por fim, afirma que Getúlio Vargas não se suicidou, mas foi assassinado, como se observa:

Ele retornou em 50, mais aí já foi muito diferente, terminaram matando ele. Getúlio não se matou, eu tenho no livro aí, quem matou Getúlio. Getúlio não se matou, quem matou Getúlio foi Demetri, era um filho perdido, e a morte de Getúlio não é assim como eles contam. Tinha um sábio da Alemanha no Cadete, ele viu o tiro e o estrondo da porta, vou lhe mostrar o livro! (Henrique, 2007).

O livro ao qual seu Henrique se refere é de autoria de Jô Soares, intitula-se *O homem que matou Getúlio Vargas*, é um livro literário que mistura história

com ficção. Trata-se de uma biografia de Dimitri Borja Korozec, um personagem fictício, de personalidade anarquista especializado em assassinatos políticos. Na trama, o autor constrói um roteiro geográfico para seu assassino e, por meio dele, conta 40 anos de história, de 1914 na Bósnia até 1954 no Brasil. No entanto, Seu Henrique apropria-se da leitura deste livro considerando-o como um livro histórico, que contribui para esclarecer o episódio da morte de Getúlio Vargas. Dessa forma, pode-se entender que as leituras realizadas por seu Henrique aproximam-se das leituras de Menocchio, o moleiro de Friuli, análise realizada por Ginzburg (1987), em que o leitor apropria-se do texto, dando-lhe sentido próprio.

Em relação ao terceiro leitor, seu Nei, percebe-se em sua fala que as palavras são cuidadosamente colocadas, dominando um amplo vocabulário, o que o diferenciava, certamente, na comunidade onde mora. Seu Nei conta que algumas vezes já foi chamado nas escolas municipais para fazer palestras, conforme relata:

Há pouco tempo fiz uma palestra num colégio, onde elas [professoras] queriam que eu descrevesse o que era a vida nas antigas estâncias, porque eu ainda tive uma noção mais chegada naqueles costumes, o meu pai também era daquele ramo e os meus avós. Então eu comecei dizendo que nas estâncias o regime era eminentemente patriarcal, quer dizer que era só o patrão que mandava, e sempre tinha bastante gente. Porque o meu trisavô foi sesmeiro, o sesmeiro quando Portugal resolveu povoar o Rio Grande do Sul, por que os espanhóis estavam vindo, ele começo a doar as tais sesmarias, as sesmarias é uma fração de terra com 13.068 hectares. Por isso que o Rio Grande do Sul tinha certa superioridade sobre o restante do Brasil no aspecto social. Quando os militares chegavam à idade de deixar a ativa, então Portugal não tinha dinheiro e oferecia uma sesmaria aqui no Rio Grande do Sul, “os campos de futuro”. Então veio gente até da nobreza, inclusive pelo lado “da Mota” a minha família tinham os traços de nobreza.

Os sesmeiros que receberam terra aqui Joaquim da Silva Mota, eram dois irmãos que receberam entre os dois receberam mais de 26 mil hectares de terras, a partir de canguçu para o norte e eram homens esclarecidos. Até hoje Portugal é um país pequeno e pobre de recursos naturais, quando eles souberam que tinha digamos assim um “bloco de ouro”, trataram, aqueles mais esclarecidos, trataram de vir e se firmar. Então por isso que o Rio Grande do Sul sempre foi um estado mais elitizado. (Nei, 2007).

O conhecimento histórico, segundo seu Nei, foi sendo adquirido mediante leituras que nunca deixou de realizar, não só os livros fazem parte dessas leituras, mas o jornal, nesse caso o jornal Diário Popular, que recebe diariamente de seu sobrinho que trabalha na zona urbana de Canguçu. As temáticas que mais lê estão relacionadas à sua história de vida, estabelecendo uma relação direta entre a história social e a familiar. O conhecimento histórico é vinculado a suas concepções pessoais, ao relatar aspectos relacionados à história do Rio Grande do Sul, faz uma interpretação própria sobre a superioridade do estado em relação ao restante do país.

A história de vida desses três homens é caracterizada pelo hábito da leitura; na comunidade rural onde vivem a prática da leitura os faz “diferentes”. A preferência por leituras históricas associadas a acontecimentos relacionados às suas trajetórias de vida, faz com que a leitura e a vida se entrecruzem, significando-as mutuamente. Darnton (1995) já afirmara que a leitura e a vida, a interpretação dos textos e a compreensão da vida, relacionam-se de forma significativa, ressignificando a vida humana. A história da leitura ao investigar a trajetória de leitores, pelos vestígios encontrados em arquivos, aponta para a relação estabelecida entre os leitores e os livros, e o resultado dessas leituras nas suas relações sociais, questão observada, por exemplo, por Ginzburg (1987), que por intermédio de documentos da Inquisição, fez ressurgir a história de um moleiro de Friuli, um homem comum do século XVI, perseguido e condenado pela Inquisição. Menocchio ao ser interrogado, por diversas vezes, assume uma posição não-cristã, postura advinda de suas leituras, ao ler construía e transformava o conteúdo lido. Conforme destaca Ginzburg (1987, p. 80):

Mais do que o texto, portanto, parece-nos importante a chave de sua leitura, a rede que Menocchio de maneira inconsciente interpunha entre ele e a página impressa – um filtro que fazia enfatizar certas passagens enquanto ocultava outras, que exagerava o significado de uma palavra, isolando-a do contexto, que agia sobre a memória de Menocchio deformando a sua leitura. Essa rede, essa chave de leitura, remete continuamente a uma cultura diversa da registrada na página impressa: uma cultura oral.

O autor relaciona a origem comum de Menocchio, ligada à cultura oral, à apropriação que fazia dos textos lidos, “deformando” as leituras que realizava. No

entanto, Chartier (1998, p. 129) ao abordar a apropriação que os leitores comuns fazem das leituras que realizam, chama a atenção para a “tentação de caracterizar a maneira de ler dos mais humildes como se todos fossem outros tantos Menocchios e como se a especificidade da leitura “popular” se devesse ao deslocamento dos textos, à descontextualização dos fragmentos, à adesão à liberalidade do sentido.” “Os mais humildes”, “os comuns”, “os simples”, denominações direcionadas a pessoas pertencentes a classes sociais de baixa renda, e/ou menos letradas.² A leitura entre esses grupos sociais não é uma prática recorrente, porém, não deixa de existir, e em alguns casos, apresenta-se de forma muito intensa. Contudo, pode-se atribuir às práticas de leitura atuais o mesmo sentido que Ginzburg atribui às leituras de Menocchio? Qual a apropriação que os homens comuns, do século XXI, fazem das leituras que realizam? São apontados indícios.

4 CONCLUSÃO

Percebe-se que a prática de leitura desses senhores caracteriza-se por uma leitura que visa conhecer as origens familiares e compreender os acontecimentos vivenciados por eles. Seu Henrique serviu ao exército brasileiro no período da Segunda Guerra Mundial, seu Nei é descendente de portugueses que herdaram Sesmarias, seu Antonio vivenciou a perseguição aos descendentes de alemães durante a Campanha de Nacionalização, observa-se, portanto, que essas temáticas estão presentes nas leituras que realizam. Para Goulemot (2001, p. 113) “[...] ler é fazer emergir a biblioteca vivida, quer dizer, a memória de leituras anteriores e de dados culturais. É raro que leiamos o desconhecido.” Dessa forma, a leitura torna-se um meio de recordar e/ou entender o passado vivenciado, e, assim, a prática de leitura assume imenso significado na vida cotidiana. Homens comuns, ligados a um grupo social tradicionalmente associado à oralidade, que se fazem leitores, no ambiente rural, local onde o trabalho braçal predomina e o tempo se esgota por tantos afazeres, nesse ambiente o hábito da leitura ganhou espaço, desenvolveu-se e prevaleceu. Por certo que a aposentadoria contribuiu sobremaneira, segundo os relatos, para ampliar a prática de leitura; no entanto, a leitura não se desenvolve após a aposentadoria, ou seja, apenas como forma a preencher o tempo ocioso, ela fez/faz parte da vida desses agricultores.

Dessa forma, parte-se do pressuposto de que mesmo em ambientes caracterizados pela oralidade a prática de leitura pode se fazer presente, tendo significativa importância nas relações cotidianas. Para tanto, a leitura necessita de um “motivador” que justifique sua prática, como, por exemplo, nesse caso, o anseio em conhecer-se melhor por meio do conhecimento histórico. Desse modo, o significado atribuído à leitura está relacionado à subjetividade inerente a cada história de vida. No mesmo sentido, a apropriação da leitura está relacionada com a trajetória social e cultural de cada indivíduo e com suas concepções de vida.

History of the practical of reading: the case of three farmers

Abstract

This work, in an investigative form, is about the history of three farmers. Histories characterized by the custom of reading. In the rural community, where these readers inhabit, the practical of reading makes them different. The preference for historical readings, associated to the events related to its trajectories of life, makes the reading and the life to intercross, meaning them mutually. The oral history is presented as main methodological support, with the objective of “to catch the effective experience of the narrators” (QUEIROZ, 1988) as a form of deepening the analysis of the practical of reading in the rural context. Theoreticians as Roger Chartier and Robert Darnton are presented as the main interlocutors of the inquiry. When analyzing the appropriation of reading by these readers, we perceive that the readings they do, are related to the inherent subjectivity of each history of life.

Keywords: History of education. History of reading. Rural readers.

Notas explicativas

¹ Termo usado para se referir a grupos clandestinos que trabalham dentro de um país ou região, ajudando a invasão armada promovida por um outro país em caso de guerra internacional, ou facção rival no caso de uma guerra civil.

² Kleiman (1995, p.19), baseada em Scribner e Cole (1981), conceitua letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.

REFERÊNCIAS

BELO, André. **História & Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Memória: entre o oral e o escrito. **História da Educação**. Pelotas: Ed. Ufpel, n. 11, abr. 2002. p. 131-146.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia**: a escola dos Annales (1929-1988). Tradução Nilo Odália. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

CHARTIER, Roger. Leitura e Leitores “Populares” da Renascença ao Período Clássico. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1998.

CHARTIER, Roger. As Revoluções da Leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**: Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

DARNTON, Robert. A leitura rousseauista e um leitor “comum” do século XVIII. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

DE CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Entre-vista: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1994.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

HEBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de Letramento e as Práticas de Alfabetização na Escola. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do Letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Ed. Unicamp. 1996.

LOPES, Eliane M. T.; GALVÃO, Ana Maria. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DPeA, 2001.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral, caminhos e descaminhos. Revista Brasileira de História. **Memória, História e Historiografia**. Dossiê Ensino de História. São Paulo: Anpuh; Ed. Marco Zero; v. 13, n. 25-26, set.1992, ago. 1993.

PARK, Margareth Brandini. **História e Leituras de Almanques no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, Fapesp, 1999.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “Indizível” ao “Dizível”. In: VON SIMSON, Olga R. Moraes (Org.). **Experimentos com História de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.

ROCHE, Daniel. As práticas da escrita nas cidades francesas do século XVIII. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

VON SIMSON, Olga R. Moraes (Org.). **Experimentos com História de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.

Recebido em 10 de fevereiro de 2008

Aceito em 1º de junho de 2008